

Deus: fundamento de toda existência

God: the basis of all existence

Priscila Maria Leite de Lima*

O pensamento filosófico-cristão de Santo Agostinho tem sua estrutura fundamentada na concepção de Deus como Bem supremo e, como tal, criador de todos os bens, de tudo que existe, de tudo que é. Esta comunicação visa apresentar algumas características de sua análise acerca da criação, a qual se dá pela onipotência divina ao originar-se daquilo que não tem ser (AGOSTINHO, **A natureza do bem**, I), de maneira a esclarecer Sua relevância no contexto de toda existência.

Nesse sentido, a vontade de Deus aliada ao Seu poder criacional determina a origem e conseqüente filiação de toda existência pela caracterização dos seres a partir do *modo*, da *espécie* e da *ordem*. Em outras palavras, todo ser criado se assemelha ao Criador, ainda que essa semelhança seja para nós um tanto quanto vaga, até mesmo distante daquilo que conseguimos compreender como herança recebida do Pai, já que n'Ele concebemos a Perfeição absoluta, o que contrasta com a nossa condição de inferioridade e imperfeição por sermos Sua criatura. Desse modo, assim como Deus é, nós também somos, não no mesmo grau de existência por nos encontrarmos limitados ao nosso contexto de seres divinamente elaborados, mas somos.

Criados a partir daquilo que não tem ser, somos constituídos de *modo*, isto é, apresentamos em nossa formação determinada medida que faz com que sejamos identificados como originários da suma Perfeição, pois a nossa medida é originalmente perfeita. Se assim não fosse, quem conseguiria determinar algo que apresentasse excessos para mais ou para menos? Também temos a peculiaridade da *espécie*, carac-

Comunicação recebida em outubro de 2008 e aprovada em novembro de 2009.

* Bacharel em Filosofia e mestranda em Ciências da Religião pela PUC Minas, e-mail: prifilo@gmail.com.

terizante da nossa condição de sermos o que somos e como somos, ainda que não compreendamos exatamente a grandeza de existirmos tais quais. Nesse sentido, nossa identificação com o Criador se amplia, chegando a quase atingir sua plenitude não fosse necessária uma consideração assaz relevante: a criatura não pode se igualar ao seu criador e, na hierarquia da vida, a *ordem* prepondera como elemento não só organizador, mas sobretudo conscientizador da alma racional de sua condição de ser criado em meio às demais criaturas. Vale lembrar que, na ordem vigente em toda a existência, podemos considerar a existência de “três ‘naturezas’ ou tipos de substâncias: corpos, mutáveis no tempo e no espaço; almas, incorpóreas mas mutáveis no tempo; e Deus, incorpóreo e imutável” (HONDERICH, 1995, p. 65, tradução nossa).¹

Nesse contexto, Deus se encontra no ápice da existência de toda vida e, paradoxalmente, no limiar de sua inexistência por se constituir no fomentador da transição entre o nada e o ser. A criatura só é por Ele já ser desde sempre. Esta é uma dívida que todo ser criado tem para com Deus, dívida esta adquirida no ato da sua existência. O problema todo é pagá-la, ou melhor, como pagá-la... É importante ter em consideração que, quando mencionamos pagamento de uma dívida, não nos referimos tão-somente à alma racional, mas a todo ser criado, seja ele apenas existente (seres inanimados), existente e vivente (seres animados: animais e vegetais), ou mesmo existente, vivente e inteligente (ser humano).

Num primeiro momento, parece-nos absurdo conceber que a criatura deva qualquer coisa Àquele que a fez ser tal qual é, principalmente pelo fato de que, pela sua condição de Ser divino e Criador, como soberano doador, Deus não carece de qualquer coisa que provenha de Sua criação já que d’Ele procede tudo o que existe. No entanto, mesmo soando como um contrassenso, o próprio fato de existir a criação implica a existência de normas a serem cumpridas, leis a serem respeitadas segundo a disposição vigente no cosmo (e a criação está indiscutivelmente presente e atuante nessa ordem), portanto de uma dívida a ser considerada...

Por conseguinte, a restituição ao poder divino daquilo que Ele nos concedeu, isto é, a existência, se faz mediante a plena realização de nossas funções, as quais já se encontram estabelecidas em nossa configuração existencial. Em outras palavras, cada ser, ao exercer seu papel

1. “Three ‘natures’ or kinds of substance: bodies, mutable in time and place; souls, incorporeal but mutable in time; and God, incorporeal and immutable”.

no mundo restitui ao Criador aquilo que recebeu, ou melhor, toda a sua existência se converte na execução (que no caso do homem deve ser voluntária) de uma obrigação: a de contribuir para que a ordem cósmica prevaleça sobre o caos inerente ao conflito das divergências existenciais, de maneira a concorrer para que a harmonia se estabeleça e, com isso, cada bem seja respeitado no contexto que lhe é peculiar.

Nessa perspectiva, o sentido da existência se perfaz na relação de toda criatura com o mundo, mas obviamente que a alma racional desencadeia o questionamento dessa relação e, conseqüentemente, de sua existência a partir daquilo que lhe constitui a memória, o sagrado refúgio de sua experiência vivencial. Pode-se afirmar que em seu castelo de lembranças se estabelece também expectativas de compreensão daquilo que lhe é peculiar à vida, ao percurso previamente traçado pelo Criador, que prevê a restituição da criatura a Si mesmo, ainda que esta não esteja em condições de apreender esse fenômeno como inerente à sua realidade. É o tracejar de sua história no mundo, é a sua realização enquanto ser em meio ao despertar da consciência para o dever de ser criado.

Por outro lado, o tempo se desenrola em meio à diversidade de considerações acerca da vida nos mais variados matizes. Não obstante a dificuldade de sua apreensão conceitual, o tempo vigora no decorrer daquilo que ainda não é e, contudo, já se foi deixando suas marcas no limiar da história, sendo esse processo de algum modo compreensível ao homem. O presente amplia-se no constituir-se de memória ou expectativa no perpassar de um mero instante. É o devir, movimento da vida que se afirma em meio ao caos da diferença ontológica dos seres que se harmonizam na perspectiva de seu estabelecimento frente a um mundo marcado pela característica única de ser fruto de um mesmo Idealizador e conseqüente Criador. Neste momento podemos recordar Aristóteles que, salvo as devidas particularidades inerentes ao seu pensamento (e que divergem da posterior concepção cristã no que se refere às especificidades da formação dos seres), afirma que, ao considerarmos os entes que são por natureza, deve-se ter em mente que “cada um deles tem em si mesmo o princípio de movimento e repouso” (ARISTÓTELES, **Física**, II, 192b 8), ou seja, ao passo que o ser se mostra tal qual é, perfeitamente identificável, permanece o devir como processo natural de sua transformação temporal.

Contudo, esse mapa criacional reflete a Lei eterna e imutável que se encontra gravada na intimidade de todos os seres, deixando que

neles se entreveja a presença inefável do divino Arquiteto, obreiro do mundo, em todos os recantos da vida. Por outro lado, a lei temporal atua na esfera humana como um reflexo daquela, acompanhando assim o vir-a-ser de experiências que se transformam no decorrer do tempo, deixando registrados momentos constituintes da história humana de profundo valor.

Assim, a busca incessante de Agostinho pela Verdade reflete a inquietude da alma humana por desvendar os mistérios inerentes à criação, inquirindo acerca da origem e grandeza de sua existência. Interessante notar a forma de tal questionamento:

E disse a todas as coisas que rodeiam as portas da minha carne: “Falai-me do meu Deus, já que não sois vós, dizei-me alguma coisa a seu respeito.” E elas exclamaram, com voz forte: “Foi Ele que nos fez”. Contemplá-las era a minha pergunta e a resposta delas era a sua beleza. (AGOSTINHO, **Confissões**, X, VI, 9)

A vida exclama a Sua grandeza por meio da vigência de sua beleza. Ela se dá, estando pronta para ser apreendida em sua plenitude de ser. No entanto, torna-se relevante considerar que o homem enquanto alma racional deve ponderar no que diz respeito aos seus conceitos preconcebidos, de maneira a evitar assim a inobservância de pormenores imprescindíveis ao desvendamento da Verdade tão almejada. Nesse sentido, a contemplação determina o início de um diálogo silencioso entre a alma sedenta de sabedoria e o seu derredor, pleno de conhecimento. Participar desse diálogo requer astúcia, responsabilidade, juízo, mas sobretudo exige do questionador a abertura sensível necessária para que o outro se mostre em seu ser: é a alteridade que se evidencia, clareando os aspectos particulares de uma existência que reflete ser obra de um Ser maior, transcendente e, contudo, presente na singularidade dos seres.

Não obstante a vida ser tão explícita em seus significados, faz-se necessário, ainda no decorrer das experiências humanas, o registro de seus ensinamentos nas Escrituras Sagradas, de modo a iluminar a leitura do Livro da Vida. Este, exigente na transmissão de seu conhecimento, torna imprescindível para a aquisição de seus ensinamentos a elevação voluntária da criatura racional ao Ser supremo, pois ela já está naturalmente posta acima daqueles que sentem a vida sem qualquer outra necessidade. A vida humana, por sua vez, carece de mais, mais e sempre mais... Às coisas, basta existir; às plantas e aos animais, basta sobreviver; ao homem, somente passar pela vida é muito pouco: ele precisa ser, o que só se torna viável no momento em que sabe. A busca

pela Sabedoria, pela Verdade, pelo seu bem, pelo sumo Bem torna-se questão de vida.

Contudo, o que é este Ser que nos faz dependentes, ainda que nos pareça ausente e até mesmo inexistente? Como pode haver força superior a tantas maravilhas já presentes em nosso derredor? De onde surge tamanha certeza de que nada disso está no mundo por acaso? Convém lembrar que, conforme Aristóteles, o acaso enquanto acaso não existe (considera-se a sua existência somente enquanto concomitância), pois “simplesmente sem mais, o acaso não é causa de nada” (ARISTÓTELES, **Física**, II, 197a 8).² Ou seja, deve haver alguma explicação plausível para a origem de tudo que existe! E, todavia, tudo que nos cerca afirma a existência daquele a quem chamamos Deus, conforme atesta o Livro mais respeitável do mundo, a própria vida e sua manifestação escrita, a Bíblia.

Nessa perspectiva, Étienne Gilson analisa a condição humana de ser criado e questionador da vida, e salienta que “incapaz de ver o próprio Deus, salvo talvez no caso excepcional do êxtase, O considera em Suas obras, vale dizer em primeiro lugar no mundo dos corpos do qual o homem mesmo faz parte, portanto na alma humana, que Lhe é a imagem mais límpida” (GILSON, 1998, p. 216, tradução nossa).³ Desse modo, o exterior apenas revela aquilo que o homem já é no mesmo grau das demais criaturas, não esclarecendo de fato o seu diferencial de ser criado à imagem de Deus. Este será evidenciado tão-somente mediante a realização do processo da metafísica da interioridade, pois no mergulho em si mesma a alma racional adquire a condição necessária de elevar-se ao Pai amoroso que Se lhe dá em Espírito e Verdade. A alma vive então o seu êxtase. Essa identificação da criatura com o Criador é determinada pela pureza de sua alma, o que a faz compreender Sua presença inefável no seio de toda a criação como fundamento de toda existência. Nas palavras de nosso pensador, tem-se que “todo ser formado, enquanto formado, e todo o que ainda não está formado, enquanto formável, encontra seu fundamento em Deus.(...) É assim que Deus, sendo o princípio de todo bem, o é igualmente de toda integridade” (AGOSTINHO, **A verdadeira religião**, p. 18 e 36).

Vale lembrar, contudo, que a perspectiva agostiniana da criação não corresponde a um mero momento de concepção dos seres, pois, “

2. Referência apresentada conforme a tradução.

3. Incapace di vedere Dio in se stesso, salvo forse nel caso eccezionale dell'estasi, lo considera nelle sue opere, vale a dire in primo luogo nel mondo dei corpi di cui l'uomo stesso fa parte, quindi nell'anima umana, che ne è l'immagine più limpida.

na medida em que Deus não é só fonte de toda existência, como também é o mantenedor, não abandonou a criação em um único instante” (COSTA; BRANDÃO, 2007, p. 22), mantendo-se presente na figura da Providência divina, que a tudo dirige com sabedoria e bondade. Logo, mais do que criar, a atitude divina revela o Seu amor na singularidade do cuidado que alimenta cada ser, do mais ínfimo ao mais elevado, visando assim a preservação de sua integridade. Disso resulta o amparo e consequente direcionamento de todo bem à realização de sua transcendência em que cada criatura deixa de ser um simples ser criado para se tornar obra divina, participante do processo teleológico de restauração da vida em meio à morte temporal. Desse modo, todo bem é encaminhado ao sumo Bem, ou melhor, restituído Àquele que lhe concedeu o ser na plenitude da vida por ser Ele o fundamento de toda existência.

Referências

- AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **Confissões**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.
- AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **A natureza do bem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006.
- AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **A verdadeira religião**. São Paulo: Paulus, 2002. p. 9-138.
- ARISTÓTELES. **Física I-II**. São Paulo: Unicamp, 2002.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes; BRANDÃO, Ricardo Evangelista. A teoria da Criação, segundo Santo Agostinho. **Ágora Filosófica**, Recife, n. 1, p. 7-26, jan./jun. 2007.
- GILSON, Étienne. **Introduzione allo studio di sant’Agostino**. Genova: Marietti, 1998.
- HONDERICH, Ted. Augustine. In: HONDERICH, Ted. **The Oxford Companion to Philosophy**. New York: Oxford University Press, 1995. p. 64-66.